

Resistencia Indígena en Iberoamérica

Siglos XVI-XIX

CUADERNO DE APOYO AL PROFESOR

Título: Resistencia Indígena en Iberoamérica. Siglos XVI-XIX

Autora/Coordenadora:

Susana Elsa Aguirre (IdIHCS – CHAyA, UNLP)

Colaboração de:

Arlindo Manuel Caldeira (CHAM-NOVA/FCSH)

Mafalda Soares da Cunha (CIDEHUS.UÉ, DH-ECS-Universidade de Évora)

Raquel Pereira Henriques (NOVA/FCSH)

Paginação: Mariana Soler (CIDEHUS.UÉ)

Capa: Francisco Branco de Brito (CIDEHUS.UÉ, CHAIA.UÉ)

Abril de 2022

ISBN: 978-972-778-250-5



Creative Commons
Attribution 4.0 International (CC BY 4.0)



This project has received funding from the European Union's Horizon 2020 research and innovation programme under the Marie Skłodowska-Curie Grant Agreement No 778076.

Índice

Introdução	3
Texto 1. La conquista española y portuguesa en América	5
Texto 2. El impacto de la conquista en el mundo americano	8
Textos 3. Formas de resistencia indígena.....	13
Textos 3.1. Resistencia abierta	14
3.1.1 La Guerra Chichimeca (México).....	14
3.1.2. Tupinambás y caetés en Brasil.....	17
3.1.3 La Guerra de Arauco (Chile).....	17
3.1.4. Los ranqueles y la resistencia indígena en Mamil Mapu (Argentina).....	19
Textos 3.2 Resistencia oculta o velada	21
3.2.1 Práctica de rituales ancestrales (Perú)	23
3.2.2. Fugas: Brasil y Argentina.....	24
3.2.3 Doble residencia (valles Calchaquíes-NOA Argentina).....	25
3.2.4 Saberes y repertorios ancestrales	25
3.2.5 Resguardo de la memoria colectiva.....	26
3.2.6 Trabajo a desgano (Perú).....	26
Bibliografía citada en el cuerpo del texto.....	28
Cronología	29
Glosario	31
Para continuar a profundar el tema.....	32
1. Livros e artigos.....	32
2. Enlaces a vídeos de interés	32
3. Sitios y materiales em línea	33
4. Sugestões de atividades.....	33
El vídeo como recurso didáctico	34
<i>Ficha de Observação</i>	35

*O*s índios perceberam a chegada do europeu como um acontecimento extraordinário, só assimilável em sua visão mítica do mundo. Seriam gente de seu deus sol, o criador – Maíra – que vinha milagrosamente sobre as ondas do mar grosso. Não havia como interpretar seus desígnios, tanto podiam ser ferozes como pacíficos, espoliadores ou dadores... Provavelmente seriam pessoas generosas, achavam os índios. Mesmo porque, no seu mundo, mais belo era dar que receber. Ali, ninguém jamais espoliara ninguém e a pessoa alguma se negava louvor por sua bravura e criatividade. Maiores terão sido, provavelmente, as esperanças do que os temores daqueles primeiros índios. Tanto assim é que muitos deles embarcaram confiantes nas primeiras naus, crendo que seriam levados a Terras sim Males, morada de Maíra. Tantos que o índio passou a ser, depois do pau-brasil, a principal mercadoria de exportação para a metrópole (...).

RIBEIRO, D. (1995), *O povo brasileiro – a formação e o sentido do Brasil*, São Paulo: Editorial Companhia das Letras, p 42.

(...) ¿ *C*on qué alianzas se podía contar en la guerra contra los araucanos que ya habían resistido al Inca en el centro y sur de Chile? ¿Qué alianzas encontrar contra los indios pampas de las llanuras argentinas? ¿Qué alianzas buscar contra los chichimecas del norte de México? No hay entonces que sorprenderse de que las extensiones ocupadas por estas tribus (pero que vale también para otras vastas regiones) fueran sólo conquistadas más tarde, mucho más tarde, en los siglos XVII, XVIII, incluso en el XIX y en el siglo XX. Pero estas zonas de resistencia nos revelan la extraordinaria capacidad de asimilación que manifiesta el mundo indígena, en el plano militar, para apropiarse de medios de defensa (...)"

Romano, R. (1878). *Los Conquistadores*, Buenos Aires: Huemul, pp. 24-25.

Introdução

Este **Caderno de Apoio ao Professor** destina-se a disponibilizar materiais complementares para trabalhar com os estudantes o recurso audiovisual *Resistencia Indígena en Iberoamérica. Siglos XVI-XIX* que está disponível no YouTube em <https://youtu.be/OC5MfPqaENY>.

Este recurso audiovisual faz parte dos materiais produzidos pelo Projeto RESISTANCE: *Rebelião e resistência nos impérios ibéricos, séculos XVI-XIX* (778076-H2020-MSCA-RISE-2017). O projeto é financiado pela Comissão Europeia, teve início em junho de 2018 e prolonga-se até meados de 2024. Tem como objetivo estudar e disseminar o conhecimento sobre os processos de resistência de categorias sociais discriminadas, segregadas e “de baixo” nos impérios ibéricos, o mesmo é dizer, nos territórios europeus, americanos, africanos e asiáticos sob a dominação de Portugal e de Espanha, entre 1500 e 1850. Um dos compromissos deste projeto é publicar, em linha, materiais destinados ao grande público (<http://www.resistance.uevora.pt/> e canal YouTube: **Projecto RESISTANCE**), entre os quais se destacam os recursos didáticos.

Este caderno é composto por 13 textos sobre resistências indígenas na América Ibérica entre os séculos XVI e XIX, cuja ordem de entrada acompanha o desenvolvimento do recurso audiovisual. Inclui ainda: uma cronologia; um glossário com léxico pertinente e conceitos-chave; alguns mapas com localização de resistências; quadros; sugestões de leitura, de sítios em linha e de outros recursos para aprofundar alguns dos temas; sugestões de atividades a partir da identificação de alguns materiais; e, por fim, uma proposta de ficha de observação, destinada aos alunos, após o visionamento do recurso audiovisual.

O fato de estes materiais terem como propósito a sua utilização nos mundos de fala luso-hispana explica que o narrador do recurso audiovisual fale em português de Portugal, com legendas em castelhano. Justifica também que os textos sejam apresentados nas línguas originais de redação, mantendo-se, por regra, as grafias e as citações. Sempre que se fez alguma adaptação, sinalizou-se o facto.

A ficha que se apresenta a (que o professor poderá naturalmente adaptar às características da turma e ao momento do programa em que o recurso audiovisual é apresentado), destina-se a fomentar a análise e a reflexão dos alunos, imediatamente após a apresentação, de forma a consolidar as aprendizagens.

Embora possa ser utilizado para outros níveis etários e outras disciplinas, o recurso audiovisual foi pensado para um público-alvo dos 12 aos 15 anos (por exemplo: 3º ciclo do Ensino Básico, em Portugal / ciclo básico da Educação Secundária, na Argentina) e para a disciplina de História.

A não ser em situações especiais que o professor avaliará, considera-se vantajoso **repetir**, pelo menos uma vez, a sua projeção, para melhor compreensão dos alunos, estimulando questões e eventualmente congelando as imagens que parecerem mais significativas.

A seleção e a coordenação destes materiais são da responsabilidade de Susana Elsa Aguirre da Universidad Nacional de La Plata, com a colaboração do grupo de trabalho do Projeto RESISTANCE que inclui Arlindo Manuel Caldeira, Mafalda Soares da Cunha e Raquel Pereira Henriques.

Texto 1. La conquista española y portuguesa en América

En 1492 Cristobal Colón, en nombre de la corona española, tomaba posesión de los nuevos territorios a los que había arribado en el Mar Caribe, puntualmente una isla del archipiélago de las Bahamas. Más tarde, a comienzos del año 1500 el portugués Pedro Alvares Cabral desembarcaba en las costas de lo que se denominaría Brasil y que pasaría a engrosar las posesiones de la corona portuguesa en el Nuevo Mundo.

Los extensos territorios forjados por los avances de la conquista y colonización luso-española de este lado del Atlántico, son conocidos hoy bajo el nombre de Iberoamérica o América Latina.

“ (...) La conquista de América tuvo un fuerte anclaje en el ethos de la Reconquista Ibérica frente al avance musulmán, cuyas raíces pueden rastrearse en la Edad Media feudal. Ese empuje expansivo en tierras americanas representó la difusión de la cultura europea cristiana occidental a mayor escala, imponiendo su cosmovisión, sus valores, modalidades de organización, su lengua, sus leyes y sistema religioso en el territorio bajo su dominación.

(...) En ese enfrentamiento implacable e imprevisible de dos humanidades, de dos sistemas culturales con su propia historicidad, se inscribe el “descubrimiento que el yo hace del otro”, pero de un otro ajeno, lejano y tan distinto, que justificó la intolerancia (Todorov, 1987:13). La alteridad tiene un fuerte anclaje en “la experiencia de lo extraño”, en el contacto con gente desconocida, portadora de otros atributos culturales; siempre está referida a otro y atravesada por el etnocentrismo (Krotz, 1967: 19).

(...) es verdad, y sería injusto no recordarlo, que América ocasionó un problema de conciencia en el mundo de los dominadores al tener que discernir sobre la humanidad de los indígenas, problema que prontamente hizo suyo la corona de Castilla, y en cuyo auxilio acudieron juristas y clérigos. El resultado fue un conjunto de legislaciones indianas, una completa base teórica que, aunque a veces fallara en su puesta en práctica, contribuyeron a normar la dinámica social de la colonia (Lévi Strauss, 1967)

Los indígenas fueron considerados inferiores y catalogados de “bárbaros”, “salvajes”, e “idólatras”, situación que los colocaba en un plano vinculado con la naturaleza. Se trató de una calificación estigmatizante que los ubicaba en las antípodas de la cultura que portaban los conquistadores (Bitterli, 1981). Europa fue quien ejerció el indiscutido poder de la enunciación, al calificar y clasificar quiénes eran los salvajes, - casualmente los que estaban fuera de su propio universo- y aquellos que no lo eran. A mediados del siglo XVIII el marqués de Mirabeau acuñó la categoría civilización que

designaría en la modernidad el proceso de abandono de la barbarie original seguido por parte de la humanidad y, por otro lado, definiría un “estado” de civilización, un “hecho actual”, que era dable observar en ciertas sociedades europeas” (Svampa, 2010, 17). La civilización se legitimó como portadora de valores culturales superiores e inobjetables, principios que se reforzarían desde el saber científico a fines del siglo XIX, cuando la “otredad” o alteridad cultural pasó a ser el objeto de estudio de la Antropología Cultural.

El mayor choque y rechazo que el mundo americano causó a los europeos fue en el plano de las creencias y en el de las costumbres. De tal forma que, la extirpación de “idolatrías”, como los rituales y simbología no cristianas, fue uno de los ejes principales de la evangelización emprendida a través del accionar de diversas órdenes religiosas que pasaron al Nuevo Mundo. En la región andina central, en el marco de la conversión al catolicismo llevada a cabo entre los Incas, los misioneros desarrollaron una campaña de destrucción de las waq'as, esto es, de todo aquello considerado sagrado, como lugares de rituales, “objetos de culto” y/o personas (Pease, 2009, 143)

La lucha contra los “infeles” tuvo su máxima expresión en la llamada “Guerra Justa”, que desde una perspectiva teológica-política justificaba el uso de la violencia para con quienes ofrecían resistencia a subordinarse a la corona española y a ser evangelizados en la religión católica (...)

AGUIRRE, S (2021). «Alteridades indígenas en la frontera pampeano-nordpatagónica en el período colonial y republicano». EN: O. Pereyra, C. Sancholuz, E. Reitano y S. Aguirre (Comps.). *Conflictos y resistencias: la construcción de la imagen del "otro": selección de documentos fundamentales para la comprensión de la expansión atlántica*. Buenos Aires; City Bell: TeseoPress; Osvaldo Víctor Pereyra, pp. 163-185. (Vínculos atlánticos; 2). En Memoria Académica. Disponible en: <http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/libros/pm.4585/pm.4585.pdf>

Figura 1
La conquista de América



El área de dominio español comprendía territorios de los siguientes países actuales: México, Belice, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, Nicaragua, Panamá. En Caribe y Bahamas: Antigua y Barbudas, Bahamas, Barbados, Cuba, Dominica, Haití, Jamaica, República Dominicana, Trinidad y Tobago. En América del Sur: Venezuela, Colombia, Ecuador, Perú, Bolivia, Chile, Argentina, Paraguay y Uruguay. El área de dominio portugués correspondía a Brasil actual. Fuente: https://www.juntadeandalucia.es/averroes/centros-tic/14700420/helvia/aula/archivos/repositorio/0/77/html/Kairos/temas/Desplazamientos/ficha_mapa21.html

Texto 2. El impacto de la conquista en el mundo americano

La conquista europea trastocó de manera rotunda la modalidad de vida de las sociedades americanas, de forma tal que, a cincuenta años de haberse concretado la población indígena se vió diezmada en casi la mitad o en sus dos terceras partes. El historiador Ruggiero Romano, en uno de los capítulos de su libro "Los conquistadores", a manera de introducción en el tema, se vale de unos versos de Pablo Neruda que resultan significativos: "la espada, la cruz y el hambre iban diezmando la familia salvaje".

La espada simboliza la cuestión militar, el armamento utilizado de ambos lados, los perros, los caballos, estos últimos desconocidos en el mundo indígena, mientras que la cruz remite a la conquista religiosa, porque la guerra y la evangelización se entrelazaron en un acionar conjunto. Con el hambre Romano refiere a la alteración y transformación de los valores de la vida material indígena como consecuencia del impacto de la conquista. Al respecto, transcribimos algunos párrafos de la obra de Garavaglia que resultan ilustrativos:

"(...) es interesante recordar que, en 1895, toda la república mexicana, es decir, un territorio bastante más amplio que el delimitado por Cook y Borah en su estudio, contaba con un poco más de 12 millones de habitantes... El lector ya ha visto de qué modo la población autóctona caribeña —que podemos evaluar en casi dos millones— sucumbió en pocos decenios. Y los datos con que contamos para Perú, el territorio de la actual Colombia, Brasil, así como los que hemos analizado detenidamente para Paraguay, confirman en términos generales (con las lógicas diferencias de ritmos relacionados con las múltiples y variadas situaciones locales) este auténtico proceso de debacle de la población indígena precolombina durante el primer siglo y medio de contacto con los europeos. Sin lugar a dudas, podemos afirmar que, aun cuando se retoquen y modifiquen algunas cifras, pocas veces en la historia reciente de las sociedades humanas, un contingente de hombres vio de tal forma reducido su número.

¿Cuáles son las causas de este fenómeno? Aquí, nuevamente, las discusiones son encendidas entre los especialistas. Vamos a repasar rápidamente las posiciones más relevantes.

En primer lugar, la llamada tesis «homicida»: nacida al calor de los escritos de Bartolomé de las Casas (sobre todo, en su Brevísima relación de la destrucción de las Indias, 1552), atribuye el descenso de la población a las matanzas ocasionadas por las guerras, las exacciones y todo tipo de violencia. Hoy aparece bastante desacreditada, no porque se niegue la reiterada y sistemática regularidad de estos hechos vesánicos, sino porque, por sí solos, no explican la enormidad de las cifras que estamos presentando.

El fenómeno del «desgano vital», es decir, la pérdida de sentido de un mundo que «se ha dado vuelta», que ha perdido toda lógica según los parámetros de las sociedades indígenas, parece conducir al descenso de las uniones sexuales y a la caída en el número de hijos, entre otras razones, por el incremento del infanticidio. Y en algunas ocasiones documentadas sabemos de la existencia de fenómenos de suicidio colectivo.

El reacondicionamiento económico y social, o sea, la introducción de nuevos productos y los cambios en la utilización del suelo. Los ejemplos del valle del Mezquital o del propio valle de México, que examinaremos más adelante, son sintomáticos en este sentido. También hay que señalar los continuados reordenamientos y alteraciones en la ubicación física de la población en un determinado territorio y, en especial, el traslado de indígenas de la «tierra fría» a las áreas cálidas o a la inversa; ello acarrea, como es obvio, consecuencias desastrosas desde el punto de vista demográfico. Y pese a las reiteradas prohibiciones legales, este hecho se repite una y otra vez en las fuentes.

La acción de las epidemias: ésta es una de las causas directas más importantes. Ya conocemos bastante bien algunos aspectos de la historia

(...) En realidad, para resumir, podemos decir que estamos ante una cadena causal que contribuye a explicar estos hechos. La cadena está compuesta por los siguientes elementos principales: ritmo de trabajo – dieta – epidemia y todo ello condicionado por un marco general de situación en el que reina la violencia desatada por los invasores y en el cual se halla omnipresente ese estado anímico tan particular que hemos llamado «desgano vital».

En otras palabras, ante la exigencia de ritmos de trabajo agotadores —y en general, ajenos al sistema de valores del universo cultural indígena— frente a una dieta muchas veces empobrecida (no sólo en cantidad, sino, sobre todo, en calidad y en diversidad —por efecto de la pérdida progresiva del acceso a determinados recursos y también, con frecuencia, a causa del impacto ambiental ocasionado por la irrupción europea), los ataques de las epidemias resultarán mucho más mortíferos. Y cada uno de estos elementos reacciona en forma de acelerador, es decir, catalíticamente, empujando de manera inexorable en un círculo «vicioso» al descenso de la población. Hay que recordar que en la mayoría de las sociedades de este tipo, la población se comportaba de acuerdo con el esquema demográfico llamado «sistema abierto», en el que cada uno de los elementos negativos va retroalimentando el continuado descenso de la población”.

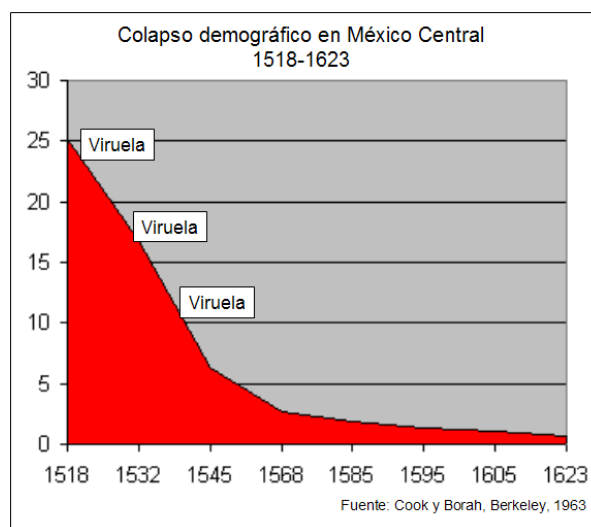
GARAVAGLIA, J.; MARCHENA, J (2005). *Historia de América Latina: de los orígenes a la Independencia (I). América Latina y la consolidación del espacio colonial*. Barcelona: Crítica, pp 208-211.

Cuadro 1
Población inicial en el Nuevo Mundo estimada por distintos autores, en millares de habitantes

Región	Kroeber (1939)	Rosenblat (1954)	Steward (1949)	Sapper (1924)	Dobyns (1966)	Alchon (2003)
EE. UU. Canadá	900	1000	1000	2000-3000	9800-12 250	~3500``
México	3200	4500	4500	12 000-15 000	30 000-37 500	16 000-18 000
América Central	100	800	740	5000-6000	10 800-13 500	5000-6.000
Antillas	200	300	220	3000-4000	440-550	2000-3000
Andes	3000	4750	6 130	12 000-15 000	30 000-37 500	13 000-15 000
Tierras bajas sudamericanas	1000	2030	2900	3000-5000	9000-11 250	7000-8000
Total	8400	13 380	15 490	37.000-48.500	90.040-112.550	46.500-53.500

Fonte: https://es.wikipedia.org/wiki/Cat%C3%A1strofe_demogr%C3%A1fica_en_Am%C3%A9rica_tras_la_llegada_de_los_europeos#cite_note-Ref1-10

Gráfico 1
Colapso demográfico en América Central. Causas



Según los investigadores Cook y Borah de la Universidad de California en Berkeley, en treinta años murieron veinte millones de indígenas mesoamericanos y un siglo después solo quedaba el 3% de la población original. Fonte: Cook, Noble David (1998). *Born to Die*. Cambridge University Press, pp. 1–14.

Cuadro 2
Impacto de la conquista y caída demográfica en México según distintos autores

Lugar/Autor	Población 1519	Población 1595
México		
Rosenblat	4500	3500
Aguirre Béltran	4500	2000
Zambardino	5000-10 000	1100-1700
Mendizábal	8200	2400
Cook & Simpson	10 500	2100-3000
Cook & Borah	18 000-30 000	1400
Valle de México		
Sanders	2600-3000	400 ²⁶
Whitemore	1300-2700	100-400
Gibson	1.500	200

Fonte: https://es.wikipedia.org/wiki/Cat%C3%A1strofe_demogr%C3%A1fica_en_Am%C3%A9rica_tras_la_llegada_de_los_europeos#cite_note-Ref1-10

No hay acuerdo entre los investigadores sobre las cifras de la población indígena inicial en América, algunos defienden una tendencia alcista mientras que otros realizan estimaciones a la baja. No obstante, las diferencias, hay consenso en cuanto a que el impacto de la conquista desencadenó una verdadera “catástrofe demográfica”, tal como lo denominara Robert McCaa. Siguiendo a Waldo Ansaldi podemos afirmar que las armas no lo explican todo, porque debemos tener en cuenta:

“las condiciones sociales y económicas de sobreexplotación que impusieron a los indios, (...) ; guerra, alcoholismo, suicidio colectivo, negación a la reproducción, desgano vital, hambre, sed, desintegración social, económica y física de sus grupos, formas distintas de explotación de las conocidas anteriormente a la conquista”.

Ansaldi, W. (2020). «No sólo con arcabuces conquistaron América» Trabajo y Sociedad Sociología del trabajo- Estudios culturales- Narrativas sociológicas y literarias Núcleo Básico de Revistas Científicas Argentinas (Caicyt-Conicet) No 35, Vol. XXI, Invierno, Santiago del Estero, Argentina- www.unse.edu.ar/trabajosociedad

En Brasil tampoco los indígenas salieron indemnes del accionar de los conquistadores portugueses, veamos algunos testimonios:

“Havia muitos destes índios pela Costa junto das Capitánias, tudo enfim estava cheio deles quando comecaram os portugueses a povoar a terra; mas porque os mesmos índios se levantaram contra eles e faziam-lhes muitas traições, os governadores e capitães da terra destruíram-nos pouco a pouco e mataram muitos deles, outros fugiram para o Sertão, e assim ficou a costa despovoada de gentío ao longo das Capitánias. Junto delas ficaram alguns índios destes nas aldeias que são de paz, e amigos dos portugueses”
 Gândavo, Pedro de Magalhães de (1995), *Tratado da terra & historia do Brasil*. Recife: FUNDAJ.

“(…) En 1662, cerca de 30.000 personas fueron víctimas de una epidemia de viruela en Bahia, principalmente en las aldeas misioneras. También se encuentra registrada otra irrupción epidémica en 1584. Tanto las enfermedades como las fugas resultantes de la insatisfacción general con la nueva situación provocaron una enorme disminución del contingente de indígenas de la capitánia; según Gândavo, en 1576 habrían sobrevivido solo 8.000. Según el padre Anchieta, hacia 1585 la cantidad de esclavos africanos correspondía a un poco más de 1/3 del número de indígenas”.

Oliveira, João Pacheco de (2013), «El nacimiento del Brasil: Revisión de un paradigma historiográfico», *Corpus. Archivos virtuales de la alteridad americana* [En línea], Vol 3, No 1 | 2013, Publicado el 19 diciembre 2013, consultado el 26 febrero 2022. URL: <http://journals.openedition.org/corpusarchivos/192>; DOI: <https://doi.org/10.4000/corpusarchivos.192>

Textos 3. Formas de resistencia indígena

A pesar de la violencia con la que se desplegó la conquista europea en el Nuevo Mundo y del impacto de su accionar sobre las sociedades indígenas, a dos siglos de su inicio aún quedaban amplios territorios por fuera del poder de la corona luso-española y en manos de comunidades originarias. Aunque parezca contradictorio, tal como lo señalara Ruggiero Romano (1978), fue más fácil la conquista de sociedades con organización estatal y ejércitos organizados (Aztecas, Incas, Mayas) que la de los pueblos nómadas de cazadores recolectores. En el primer caso, la conjunción del liderazgo político y religioso en una única persona fue una particularidad que les jugó en contra a la hora de resistir a la dominación colonial, particularmente una vez que el líder fuera apresado. Por el contrario, los cazadores recolectores mostraron una gran plasticidad frente al invasor. Para el caso, si un cacique moría en los enfrentamientos, rápidamente podía ser reemplazado por quien tuviera condiciones para conducir en la guerra, por otra parte, supieron desplegar estrategias para incorporar y usar armas europeas rápidamente y también los caballos, que les resultó de gran utilidad. Debido a esa tenaz resistencia, la conquista de esos territorios se detuvo o se retrasó por varios años. El norte de Nueva España (México) con los Chichimecas y el sur de Chile y Argentina con los reches-mapuches (“araucanos”) resultan un claro ejemplo de lo expuesto.

En el devenir histórico de las sociedades indígenas en Iberoamérica, desde la etapa colonial hasta nuestros días, se identifican diversas modalidades de resistencia que pueden ser tipificadas como, ocultas o veladas, y abiertas o confrontativas. En todos los casos se trata de prácticas – colectivas o individuales-, que buscan confrontar con el poder de turno ya sea para preservar la autonomía, como los casos de indígenas insumisos, o rebelarse en el contexto de dominación.

Ana María Lorandi y Christophe Giudicelli, en investigaciones independientes, ambos focalizándose en la lucha tenaz de los pueblos de los Valles Calchaquíes contra la entrada de los conquistadores en el Noroeste Argentino, abonan en torno al concepto de resistencia:

“(…) he definido la resistencia sostenida por las poblaciones de los valles Calchaquíes como la capacidad para organizar el rechazo de las fuerzas invasoras durante lapsos muy prolongados en el que intervienen varias generaciones. De ese modo se logra evitar que se cercenen la independencia política y la autonomía en el control de las normas vigentes de una determinada sociedad. El rasgo esencial en este caso es una resistencia cuya organización se prolonga durante varias generaciones. Es más, las poblaciones del valle Calchaquí pudieron continuar sin mayores interferencias extrañas sus propios juegos en las alternativas de poder entre los diferentes cacicazgos(…)”

Lorandi, A. M. «Las rebeliones indígenas», en E. Tándeter (2000), *Nueva Historia Argentina. La Sociedad Colonial*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, p. 294.

En la misma línea, Giudicelli afirma:

“(…) resistencia se entiende no solo como mera reacción al embate colonial, sino como producción y reproducción de autonomía, más particularmente como afirmación de una territorialidad no sujeta a las coordenadas espaciales y políticas definidas por las instancias coloniales”

Giudicelli, Christophe (2018) «Disciplinar el espacio, territorializar la obediencia. Las políticas de reducción y desnaturalización de los diaguitas-calchaquíes (siglo XVII)». *Chungará (Arica)*, vol.50 no.1 Arica. Versión on-line. ISSN 0717-7356.

Para Lorandi, hay que diferenciar resistencia de rebelión, a partir de la autonomía o no autonomía de los indígenas protagonistas de las acciones:

“(…) una rebelión, como la palabra lo sugiere, se gesta en una sociedad previamente dominada. La población se rebela contra una determinada forma de opresión. De ese modo, la rebelión puede ser entendida como una reafirmación retrasada de la conciencia colectiva de autonomía, al punto de incitar a organizarse con objeto de lograr determinados objetivos. Estos objetivos pueden ser el de revertir totalmente las condiciones de dominación y recuperar el poder, o pueden ser parciales, tratando de atenuar las condiciones de sometimiento y lograr un cierto margen de autonomía en la toma de decisiones”.

Lorandi, A. M. «Las rebeliones indígenas», en E. Tándeter (2000), *Nueva Historia Argentina. La Sociedad Colonial*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, pp. 294-295

En el vídeo Resistencia Indígena en Iberoamérica. Siglos XVI-XIX, cuyo contenido acompañamos y ampliamos en este cuaderno, tipificamos la rebelión como otra forma de resistencia. En todo caso aludimos a un concepto de resistencia más abarcativo que comprende también aquellas acciones que desarrollaron los sujetos sociales indígenas en forma más oculta, no a la vista de todos. Un ejemplo claro de lo expuesto lo encontramos en la dimensión religiosa, en el plano de las creencias, donde determinadas prácticas y rituales ancestrales indígenas se mantuvieron de manera velada, a pesar del embate de la evangelización y de la difusión del cristianismo.

Textos 3.1. Resistencia abierta

3.1.1 La Guerra Chichimeca (México)

“(…) La Guerra Chichimeca se prolongó a lo largo de toda la segunda mitad del siglo XVI. Comparada con la campaña de Hemán Cortés, que culminó con la caída de Tenochtitlan en 1521, resultó mucho más cruel y costosa. Desde principios del siglo XVI,

cuando la guerra acababa de terminar, el obispo de la Nueva Galicia escribió que a manos de los chichimecas "han muerto diez veces más españoles en número [de los] que costó toda la conquista de la Nueva España". Una de las razones que explica esto es que los inmensos territorios que esta vez se dominaron estaban poblados por varios pueblos que resistieron hasta lo último la penetración española.

(...) Nómadas en su gran mayoría, pero con grupos que hacían vida sedentaria, los zacatecos constituían una nación considerablemente homogénea en lo tocante a su idioma y modo de vida. Su valor en el combate y su célebre puntería les ganó el respeto de las naciones vecinas (...)"

Gómez Serrano, Jesús (2001) «La Guerra Chichimeca, la fundación de Aguascalientes y el exterminio de la población aborigen (1548-1620) Un ensayo de reinterpretación». *Caleidoscopio*, 10 Julio-diciembre 2001 (7-67) pp. 8-10.

"(...) Los chichimecas practicaron una guerra de guerrillas por todo el territorio, asaltando inteligentemente las mercancías y rehusando el combate abierto. Una caravana camino a Zacatecas podía encontrarse con grupos de 40/50 hombres, incluso llegando a los 200, volúmenes mayores sólo se vieron en el cénit de la guerra. (...) utilizaban en sus ataques el arco y las flechas, colocándose a cierta distancia unos de otros, seleccionaban lugares de fácil huida y esperaban hasta la noche o durante la misa para sorprender a los españoles. En sus asaltos, bien en los caminos o en los poblados, primero atacaban a los caballos, tras deshacerse de todo el grupo se llevaban la ropa, la comida y cualquier botín preciado, incluyendo a las mujeres. En esos primeros años de aprendizaje se fundaron las primeras poblaciones en la ruta real para la protección y aprovisionamiento.

(...) Los chichimecas se adaptaron y lograron incorporar a indios de paz de los poblados como contraespías que, unido a las huidas de caciques prisioneros, permitieron un mayor conocimiento del enemigo español. En los ochenta la situación se hizo crítica para los chichimecas tras más de una década de "guerra a fuego y sangre" por sus terribles pérdidas, llegando a atacar a numerosos poblados cazcanes, otomíes y pames para levantarlos contra los españoles, e incorporando a algunos a su espiral de violencia (...)

(...) El virrey Enríquez acabó siendo consciente de que no ganarían la guerra, pero a la llegada de su sucesor, el conde de Coruña, gracias a la inyección financiera real, aumentó el número de reclutas para la frontera, llegando a doblar el número de soldados en los presidios. Los ataques chichimecas para entonces ya eran alarmantes. El destacamento de Roque Núñez, con más de 50 soldados, fue aniquilado en el presidio de Las Bocas, y la línea de frontera había descendido casi hasta México gracias al despoblamiento. Para solucionarlo, los estancieros pidieron más recursos al rey, pero para 1584 la guerra consumía casi un tercio de los ingresos (200 000 pesos anuales), el

reclutamiento crecía, más parcialidades chichimecas se levantaban, y el comercio con el norte de Zacatecas se hallaba suspendido”.

Collado Lozano, Juan (2019). *Plata y sangre: la guerra en la frontera norte de la Nueva España (1540-1600)*. Universidad de Valladolid, pp 27,29 y 30.

Figura 2
Área Chichimeca



Fonte: <https://elmentiderodemieltost.wordpress.com/category/chichimecas/>

Figura 3
Guerreros Chichimecas



Fonte: <https://tuitearte.es/cultura-chichimeca-un-pueblo-de-guerreros-y-expertos-cazadores/>

3.1.2. Tupinambás y caetés en Brasil

“(…) el avance de la colonización no sucedió sin conflictos y resistencia por parte de los indígenas. La primera movilización tuvo lugar en 1554 y duró casi dos años. Fue vencida por una expedición punitiva, compuesta por 70 hombres y seis caballeros comandados por el hijo del segundo gobernador general del Brasil, Don Duarte da Costa.

(…) Poco tiempo después llegaron noticias de que se habían reunido seis aldeas tupinambás y habían sitiado un ingenio que pertenecía a uno de los más ilustres colonos de la región. En aquella oportunidad la expedición punitiva partió con aproximadamente 200 hombres, que vencieron cerca de 1.000 tupinambás y quemaron sus aldeas.

En una tercera fase, al año siguiente —y como consecuencia de la persistencia de los focos de conflicto— este mismo gobernador ordenó que fueran destruidas todas las aldeas en las que hubiera cercas (entendidas como preparativos bélicos contra los portugueses), con el propósito de que los tupinambás se sometieran, juraran lealtad al Rey y se comprometieran a pagar tributo.

(…) En 1558, las reacciones negativas a las normas más rígidas de la catequesis se unieron a la insatisfacción de los tupinambás ante la pérdida progresiva de sus territorios. Al comando de 300 portugueses y 4.000 indios provenientes de las aldeas, Mem de Sá dio inicio a la llamada “Guerra del Paraguaçu”, destruyendo entre 130 y 160 aldeas tupinambás de la región del recôncavo.”

PACHECO DE OLIVEIRA, J. (2013) «El nacimiento del Brasil: revisión de un paradigma historiográfico». *Corpus. Archivos virtuales de la alteridad americana*, vol. 3, Nº 1. Disponible: <https://journals.openedition.org/corpusarchivos/71>

3.1.3 La Guerra de Arauco (Chile)

Los habitantes de la Araucanía en el sur de Chile, mal denominados “araucanos” por los conquistadores europeos, resistieron el avance español hacia el sur durante muchos años. Entre 1550 y 1656 fue un período de intenso conflicto bélico al cual le siguió una etapa con espasmódicos enfrentamientos, matizados por relaciones fronterizas pacíficas y diplomáticas. En el marco de la guerra de resistencia, los reches, -luego mapuches en el siglo XVIII- sacaron ventaja no solamente del conocimiento de su propio territorio, sino también de las estrategias de combate y del uso de armas y caballos que incorporaron de los europeos.

El texto siguiente nos introduce de manera esclarecedora en el significado e importancia que para los reches tuvo la guerra contra el invasor:

“(...) la centralidad de la guerra iba mucho más allá de la producción y reproducción del espacio sociopolítico interno y externo. Jugaba un papel fundamental en la elaboración de la identidad propia y en la producción del “si-mismo” y del “otro”. En efecto, la guerra reche era una verdadera guerra de captación de la diferencia, de construcción del “si-mismo” en un movimiento de apertura caníbal hacia el “otro”. (...) durante el combate los guerreros hacían todo lo posible para capturar un objeto que simbolizara al otro. De vuelta de la expedición, los guerreros y ulmen se vestían como españoles en un significativo movimiento de identificación con sus contrincantes. Pero es seguramente en el trabajo ritual realizado sobre el cuerpo del cautivo que se percibe de la manera más clara ese afán de digerir al otro, aunque no todos los cautivos eran “buenos para comer”. El cuerpo que servía para los rituales de antropofagia era el de un enemigo famoso y valiente. En tal caso el cautivo era decapitado y su cabeza empleada como recipiente-trofeo para las ceremonias guerreras. Se confeccionaban flautas de los huesos de las piernas y una especie de gorra guerrera de las quijadas y la piel de la cara. El corazón era arrancado y comido. Lo que quedaba del cuerpo del otrora gran guerrero era lanzado con desdén hacia su territorio de origen.

Los cautivos que no eran propicios para el sacrificio ritual eran sometidos a un intenso proceso de “recheización”. Se les prohibía hablar el castellano y se les vestía inmediatamente a la moda reche. Se les depilaba. Se les ponía a trabajar como cualquier otro labrador. En cuanto a las mujeres, se les casaba con los reche y los hijos de estas uniones mixtas eran totalmente integrados a la sociedad indígena.

(...) El exocanibalismo, la recheización de los cautivos y tráfugas, la adopción de elementos culturales exógenos (caballo, trigo, hierro, ropa), la identificación con el otro en el periodo inmediatamente anterior a la guerra (cuando los guerreros reche se dejaban crecer la barba y los bigotes), el hecho de jugar al otro en las ceremonias realizadas a la vuelta de una expedición guerrera y la captación simbólica de la sustancia vital del cuerpo del cautivo, todo esto demuestra que la reproducción de la diferencia y de la identidad reche se hacía, paradójicamente, a través de un movimiento de apertura caníbal hacia el otro.

Creemos que tenemos aquí un elemento de respuesta a la tan sorprendente resistencia reche que podría resumirse de este modo. Si los grupos reche demostraban una gran capacidad de resistencia, de adaptación al cambio o, en otros términos, si la sociedad reche se caracterizaba por su enorme flexibilidad, es porque la guerra, hecho social central en la producción y reproducción material y simbólica de la sociedad y motor de la máquina social indígena, obedecía a una lógica de captación de la diferencia.”

Guillaume Boccara (1999); Etnogénesis mapuche: resistencia y reestructuración entre los indígenas del centro-sur de Chile (siglos XVI-XVIII). *Hispanic American Historical Review*, 1 August; 79 (3): 425–461., pp. 437-439. doi: <https://doi.org/10.1215/00182168-79.3.425>

Figura 5
Lautaro fue uno de los líderes reches (toqui) de la Guerra del Arauco a mediados del siglo XVI



Fonte: <http://www.chileparaninos.gob.cl/639/w3-article-349353.html>

3.1.4. Los ranqueles y la resistencia indígena en Mamil Mapu (Argentina)

“(…) A lo largo de aproximadamente cuatro décadas, entre 1750 y 1790, se constituyeron en Mamil Mapu diversos cacicatos, predominantemente caracterizados por sus políticas de hostilidad y enfrentamiento con los españoles. Desde su perspectiva, esta actitud belicosa se tornaba insoslayable, porque sólo quitándoselos por la fuerza a los wingka, era posible apropiarse de aquellos bienes en los que inexorablemente se

fundaba el éxito futuro de cualquier joven animoso que no se hubiera visto favorecido por su posición personal dentro de un determinado esquema parental.

(...) Las jactanciosas exhibiciones del número de combatientes, de sus buenas caballadas, de sus lanzas imbatibles, la descarnada convocatoria a la guerra contra los centenarios usurpadores europeos, la exteriorización del éxito bélico, la humillación del enemigo vencido y prisionero, las conductas desacratorias y profanadoras que golpeaban el centro mismo de las convicciones españolas, todo en su conjunto tenía un efecto inquietante y desestabilizador: los wingka observaban perturbados el surgimiento de una amenaza creciente y dañosa, difícil de controlar. Y los ulmenes, por su parte, entreveían la configuración de un poder contestatario con capacidad potencial suficiente para minar las bases del poder establecido.

Los corsarios, (...) aprendieron a conocer y aprovechar las características ambientales de Mamil Mapu, la calidad y distribución de los recursos naturales, las rutas que lo surcaban, las peculiaridades de todas las poblaciones fronterizas que orlaban ese espacio, y los dispositivos militares locales con sus debilidades y fortalezas. Además, y como en todo Argel que merezca llamarse tal, abundaron en el País del Monte los renegados, hábiles para moverse en los mundos en pugna, parlantes de mapu dungum y castellano, operadores de armas de fuego, experimentados conocedores de las fronteras y sus habitantes, siempre dispuestos a obtener y transmitir información importante, a cambio de una buena acogida entre los indígenas que los liberase de viejas cuentas pendientes, y de participación en el botín:

(...) El aukan -la rebelión- estaba legitimado, entonces, porque permitía alcanzar un doble objetivo. En primer término, se oían nuevamente las voces de los antepasados ahogadas por la irrupción de los europeos, y concluía para los Reche la carga muy gravosa de sustentar económica y socialmente la estructura colonial. Cesaban los agravios y se recuperaba la libertad de hacer lo que prescribían los usos antiguos - el admapu- y prohibían los recién llegados, sobre todo a través de la prédica intolerante y agobiadora de sus sacerdotes vistos como infidentes y sostenedores del poder establecido y, por esta causa, blanco preferencial -no sólo en el caso de Alonso del Pozo- de burlas y agresiones que se reiteraron en todas las oportunidades que hubo lugar.

(...) Justamente en esta noción de resarcimiento, Rolf Föerster ha encontrado una explicación de la obstinada resistencia frente al estado monárquico y su epígono republicano: "...los agravios provocados [generan] una deuda, una asimetría, que debe ser saldada, nada hay en la huinca que justifique su violencia contra el mapuche. A más violencia, entonces, mayor es la deuda que queda por pagar. Añádase a este proceso lo señalado...sobre la memoria histórica y tendremos como resultado un pueblo que vive en función del pago de una deuda. En otras palabras, las relaciones del mapuche con el huinca generan un daño en los primeros, lo que será entendido y representado como una deuda que, al no ser reparada, los transforma en "más bravos y obstinados". Es un círculo

de violencia sin mediación, de allí que la guerra subsista, incluso como mito.” (Föerster 1991: 194).

(...) Quienes elegían realizar acciones de guerra en Mamil Mapu, reivindicando el discurso y las conductas de los aukaes y convirtiéndose (...) en corsarios públicos a los ojos del poder colonial, encontraban amplias oportunidades de obtener prestigio. El botín obtenido en estas incursiones -ganado, cautivas y cautivos, objetos suntuarios y de culto, ropas, bebidas y otras mercaderías de diversos tipos, todo concentrado en un punto del espacio bajo la forma de una arria o caravana- constituía, como dijimos, la prueba más palpable del éxito de sus dueños (...)

VILLAR, D.; JIMÉNEZ, J.F. (2005), «Un argel disimulado. Aucan y poder entre los corsarios de Mamil Mapu (segunda mitad del siglo XVIII)», *Nuevo Mundo Nuevos Mundos* [En línea], Débats. Disponible: <http://journals.openedition.org/nuevomundo/656>

Figura 6
Mamil Mapu, cercano a la frontera sur o meridional rioplatense



Fonte: <http://fotosviejasdemardelplata.blogspot.com/2017/06/pueblos-origenarios-los-ranqueles.html>

Textos 3.2 Resistencia oculta o velada

Las prácticas y acciones que se configuran como formas de resistencia abierta son claramente confrontativas y públicas, por lo que su identificación no presenta

inconvenientes para los investigadores, tal como hemos visto en los ejemplos seleccionados en este cuaderno. Por su lado, la resistencia oculta o velada refiere a comportamientos que despliegan los sujetos sociales en ámbitos más reservados, como el seno del hogar, el espacio laboral y demás. Los párrafos que siguen, tomados de Diana Rosell y Pérez Gerardo, iluminan sobre la invisibilización de las prácticas de resistencia velada por la historiografía tradicional y cómo los cambios de paradigma en las investigaciones actuales han permitido su reconocimiento.

“(…) el estudio de las resistencias indígenas tradicionalmente privilegió a las rebeliones, sublevaciones, levantamientos y demás reacciones francas y violentas, dejando en segundo término al extenso abanico de estrategias adoptadas por los diferentes grupos indígenas, a lo largo de tres siglos en las diferentes regiones del continente.

De este modo, se trazó una dicotomía, primero, entre sumisión y rebelión, y entre cambio y permanencia. Luchar o desaparecer figuraban como las únicas opciones pues toda mutación llegó a ser concebida como pérdida de una identidad prístina y toda aculturación como contaminación de un ser auténtico y originario que poco a poco se diluía en el otro

(…) Sin embargo, de acuerdo con Guillaume Boccara, al “tomar en cuenta el punto de vista indígena”, “analizar los procesos combinados de resistencia, adaptación y cambio” y “prestar atención a la emergencia de nuevos grupos identidades a través de los múltiples procesos de mestizaje y etnogénesis”, los enfoques más recientes han generado verdaderas transformaciones de perspectiva. Conceptos como el de asimilación o aculturación paulatinamente se desprendieron de la voluntad de encontrar en los pueblos indígenas tradiciones inmemoriales. Se renunció a las perspectivas esencialistas, la resistencia se distanció de su concepción como aversión al cambio y los estudios comenzaron a incluir actitudes que antes no se consideraban como tal.

(…) Ante el panorama descrito cabe notar que los grupos indígenas, históricamente han tenido una voluntad de permanencia, pero nunca entendida como una obstinación de regresar el pasado sino en función de una intervención activa en su devenir. Son por ello sujetos históricos. En este sentido, la imagen presentada por Humberto Ruz sobre los indios del sureste mexicano es iluminadora: “Los mayas que vivieron el opresivo dominio colonial no lo hicieron de cara al pasado sino de frente al futuro; no fue su interés anclarse en el ayer sino trascender en el mañana. El permanecer tiene un precio: adaptarse al cambio y los mayas lo pagaron. Lo mismo podemos pensar para otros grupos indígenas que recurrieron a la aculturación y a la resistencia no como los polos de una disyuntiva irreconciliable sino como operación dialéctica de una voluntad de trascendencia en la que el pasado se convierte en el referente de lo deseable, pero no en el único horizonte posible.”

GERARDO, D.R.P. (2021), «Mito, guerra y utopía: formas de resistencia indígena en la América colonial», *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [Online], Debates. Disponible: <http://journals.openedition.org/nuevomundo/84678>; DOI: <https://doi.org/10.4000/nuevomundo.84678>

3.2.1 Práctica de rituales ancestrales (Perú)

“(…) No muy lejos de Potosí, el jesuita Arriaga afirmaba, en 1599, que, «desde tiempo inmemorial» se concedía «una extraña devoción» a dos cerros, a pesar de los intentos tanto de la iglesia como de la justicia civil de destruir «estos diabólicos adoratorios». Estos dos cerros eran el Huayna Potochi y el Potochi, y Arriaga fue quien logró destruir el santuario que estaba en la cima del Cerro Rico consagrándolo a San Bartolomé. Pero Bernardino de Cárdenas proporciona una información complementaria: considera, como Arriaga que las mamás cumplían funciones de oráculo, afirmando que hablaban, y añade que estas llevaban los mismos nombres que los cerros. Estima, además, que cada cerro tenía una función diferente, por lo que los indios los invocaban en una especie de letanía, de la misma manera que los españoles invocaban a los santos. Bartolomé Álvarez confirma, por su lado, la frecuencia de los ritos en las minas, en particular en Potosí: «[...] las borracheras en Potosí son más ordinarias que en otras partes. Todos los días de la semana están bebiendo los curacas, y con ellos no falta jamás quien beba» (Álvarez 1988 [1588]: 355-356).

La waka de Porco, fuera de sus funciones fecundantes, tenía muchas otras: era la divinidad de la guerra de la confederación charka y qaraqara, y propiciaba salud a la población como las demás wakas mineras. No cabe duda de que, en la mina de Potosí, en la época colonial, los mineros seguían venerando a una o varias wakas que tuvieran poderes similares. En efecto, «todas las veces que suben al cerro le van mochando [...] desde donde le dan la primera vista le mochan y le llaman señor, y piden ventura y salud y riqueza» (Álvarez 1998 [1588]: 357). Fuera de su papel económico y político, la mina, como se verá, cumplía, como lugar de culto, otras funciones, algunas de ellas muy similares a los lugares de culto del mundo cristiano, que también proporcionaban salud y riqueza. Constituían verdaderos santuarios y no cabe duda de que el conjunto del trabajo minero era un trabajo ritualizado, es decir, que la mita que involucraba a mineros venidos de muchas regiones diversas no solo constituía el trabajo obligatorio conocido, sino que este fue concebido como una peregrinación (taki).

Los mineros, al salir de sus respectivas comarcas, se postraban delante de los montes y apachetas, y dirigían sus súplicas a los montes que cruzaban en el camino durante el trayecto que los conducía hasta la mina que iban a labrar. Al nombrarlos en forma de letanía, nombraban en realidad sus wakas. Se sabe, además, y lo confirma el

caso de Potosí, que muchos montes llevaban un santuario en su cima. De este modo, estas plegarias, que servían para enumerar una tras otra las diversas divinidades-montes, correspondían, quizás, a una memorización ritual ordenada visualmente y si, como lo afirma Albornoz, el orden de los santuarios correspondía a determinados ceques, no cabe duda que los mineros recorrían un camino sagrado. Antes de entrar en el mundo oscuro del subsuelo practicaban sus Taki y «borracheras». Algunos de estos rituales, en que alternaban bailes y libaciones, podían durar varios días”.

BOUYASSE-CASSAGNE, T. (2005) «El Sol de Adentro: Wakas y Santos en las Minas de Charcas y en el lago Titicaca (siglos XV-XVII)». *Boletín de Arqueología* (8). Lima: PUCP., pp. 69-70

“(…) los indígenas de este país...aunque se les enseñen los Evangelios desde hace mucho, no son más cristianos ahora que lo que eran en el momento de la conquista pues, en lo que respecta a la fe, no tienen más ahora que la que tenían entonces y, en cuanto a las costumbres, son piedras en lo interior y oculto; y si parece que practican algunas ceremonias formales -entrar a la iglesia, arrodillarse, orar, confesarse y demás-, lo hacen forzadamente “

Antonio de Zúñiga, citado por ROMANO, R. (1978) *Los Conquistadores*, Buenos Aires: Huemul S.A., pp. 30.

3.2.2. Fugas: Brasil y Argentina

“(…) La respuesta indígena al deterioro de sus propias condiciones de vida en las aldeas fue fugarse de ellas, generando perjuicios que aumentaban la ineficiencia e inviabilidad del sistema. Una alternativa para los misioneros fue entonces orientarse hacia las regiones del sertão, intentando establecer aldeas en lugares más alejados de las presiones de la economía colonial, ya instalada en la costa litoral (...)”

Oliveira, João Pacheco de. «El nacimiento del Brasil: revisión de un paradigma historiográfico». *Corpus. Archivos virtuales de la alteridad americana*. vol 3, n.º 1, 2013 en línea <https://journals.openedition.org/corpusarchivos/71>

“(…) En cuanto a los indios de Caguané, estos hicieron abandono de la reducción durante el gobierno de Andrés de Robles, hacia 1675. Proyectaron su fuga en dos oportunidades, la primera de ellas sin éxito, pues fueron capturados y reagrupados con un grupo de indios serranos recientemente sometidos en un paraje próximo al Riachuelo, la laguna de Aguirre. A la segunda tentativa consiguieron mudar sus tolderías a la Punta del Sauce, en Córdoba, donde permanecieron durante dos décadas. Las pocas familias que los españoles lograron retener fueron conducidas a Santiago del Baradero, pero

terminaron por huir y reunirse con el resto de la parcialidad en las sierras cordobesas, movidos por los malos tratos que recibían del corregidor de esa reducción, el capitán Juan Ruiz.

(...) La tendencia observada en los aborígenes pampeanos de retornar al nomadismo provocó el rápido despoblamiento de aquellas efímeras poblaciones. La dispersión pudo haberse debido a múltiples causas: su falta de adaptación a las pautas de trabajo impuestas por los españoles, las numerosas bajas producidas por las enfermedades infecciosas, sus hábitos de cazadores errantes y, sobre todo, la cercana presencia de la frontera, que facilitaba su fuga y les permitía reunirse con otros grupos aún no sometidos, retomando sus antiguos circuitos de migración y cacería”.

Birocco, C. M (2009). «Los indígenas de Buenos Aires a comienzos del siglo XVIII: los Reales Pueblos de indios y la declinación de la encomienda». *Revista de Indias*, Vol. LXIX, Nº 247, (83-104), pp. 86-87.

3.2.3 Doble residencia (valles Calchaquíes-NOA Argentina)

“(…) Los estudios regionales más finos (...) han demostrado sin equívoco que la tan recurrentemente afirmada desaparición de los grupos originarios de los Valles es un espejismo que tiene más que ver con un “efecto de fuentes” (...) y la creencia cuidadosamente construida desde la segunda mitad del siglo XIX de que los indios en general habían desaparecido (...). Como lo recuerda oportunamente Rodríguez (2017), la estrategia de resistencia implementada por quienes pudieron adoptarla consistió en mantener una doble residencia en su lugar de destierro, fuera del valle, y en sus antiguas tierras. Desnaturalizados y sometidos, varios grupos lograron sin embargo retomar pie en el valle, de forma negociada, clandestina, o incluso forzada, (...). De esta manera, consiguieron asegurar, aunque con una autonomía muy menguada, su reproducción social en tanto entidad colectiva, y preservar una memoria también colectiva

Ni desaparecieron los indios, ni se perdió el vínculo histórico con su tierra. Un elemento muy de tomar en cuenta en estos tiempos de supuesta “re-emergencia” en los que se llega hasta negar la existencia de colectivos indígenas y cuestionar la legitimidad de su memoria”.

Giudicelli, Christophe (2018) «Disciplinar el espacio, territorializar la obediencia. Las políticas de reducción y desnaturalización de los diaguitas-calchaquíes (siglo XVII)». *Chungará (Arica)*, vol.50 no.1 Arica. Versión on-line ISSN 0717-7356

3.2.4 Saberes y repertorios ancestrales

“(…) Otras prácticas incluidas en la resistencia cotidiana tienen que ver con actividades de las que es complicado dar cuenta, por ejemplo, el integrar su universo cultural: iconografía, simbolismo, estética y otros tipos de lenguaje en los textiles y bordados, pinturas, fachadas arquitectónicas, plegarias, danzas, cantos, etc. Esto se ha reivindicado recientemente con mucho afán, pues en estos soportes se advierte la transmisión de los saberes y con ello la supervivencia de repertorios ancestrales”.

Pérez Gerardo, Diana Roselly (2021), «Mito, guerra y utopía: formas de resistencia indígena en la América colonial», *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [Online], Debates. Disponible: <http://journals.openedition.org/nuevomundo/84678>. DOI: <https://doi.org/10.4000/nuevomundo.84678>

3.2.5 Resguardo de la memoria colectiva

En los pueblos sin escritura, como lo fueron la gran mayoría de las sociedades indígenas americanas, la protección o cuidado de la memoria colectiva, -que forma parte de la matriz de la cultura propia- estuvo a cargo de los ancianos, los cuales eran muy respetados por todos y oficiaban como verdaderos “archivos vivos”. Ellos narraban al resto los acontecimientos del pasado, que conocían a su vez mediante el relato de sus mayores. Esa narrativa oral indefectiblemente se transmitía de generación en generación.

En el texto anterior (3.2.3), referido a los pueblos de los Valles Calchaquíes en el Noroeste argentino, tenemos un claro ejemplo, -señalado por Giudicelli-, de preservación de la memoria colectiva. En la actualidad, muchos pueblos, a los que la historiografía tradicional, así como otros dispositivos hegemónicos los declaró extintos, -para el caso de Argentina entre otros, las huarpes, los onas, los quilmes-, se inscriben en un proceso que se ha denominado reemergencia étnica, donde diversos colectivos indígenas se autorreconocen como huarpes, onas y demás. En los territorios que comprenden Iberoamérica, a lo ancho y a lo largo encontramos en la actualidad el fenómeno mencionado.

3.2.6 Trabajo a desgano (Perú)

“(…) reducir la productividad: evitar plantar o hacerlo mal, trabajar despacio, destruir y hurtar las herramientas de trabajo, entre otras. A mediados del siglo XVIII, cuando Fray Calixto de San José Túpac Inca denunció los abusos cometidos por el cobro y aplicación del repartimiento, afirmó que como los indios sabían que “por la posibilidad de bienes se les mide la cantidad del repartimiento, dejan de aumentar sus sementeras,

omiten las crías de sus ganados, y procuran ocultar éstos [...] ni cuidan de fabricar sus casas, antes, al contrario, todo el empeño le ponen en disminuirse. La desolación de los pueblos se convertía en una suerte de protección del aumento de cobros. (...)”

Pérez Gerardo, Diana Roselly (2021), «Mito, guerra y utopía: formas de resistencia indígena en la América colonial», *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [Online], Debates, Online since 24 June 2021, connection on 02 March 2022. URL: <http://journals.openedition.org/nuevomundo/84678>; DOI: <https://doi.org/10.4000/nuevomundo.84678>

Bibliografía citada en el cuerpo del texto

- BITTERLI, U. (1981). *Los “Salvajes” y los “civilizados”. El encuentro de Europa y Ultramar*. México, Fondo de Cultura Económica.
- BOCCARA, G. (2002). «Colonización, resistencia y etnogénesis en las fronteras americanas» en Boccara, G. (editor) *Colonización, resistencia y mestizaje en las Américas, siglos XVI-XX*. Lima, IFEA y Quito: Ediciones Abya Yala, pp. 47-82.
- FÖERSTER, R. (1991). “Guerra y aculturación en la Araucanía”. En Pinto Rodríguez, Jorge *et al. Misticismo y violencia en la temprana evangelización de Chile*. Temuco, Editorial de la Universidad de la Frontera, 169-212.
- KROTZ, E (1967). «Alteridad y pregunta antropológica», en Bovin, M., Rosato, A. y Arribas, V. (comp.) *Constructores de Otredad. Una introducción a la Antropología Social y Cultural*. Barcelona: Anagrama, pp. 16-21.
- LÉVI- STRAUSS, C. (1967) «Introducción. Las tres fuentes de la reflexión etnológica», en Bovin, M., Rosato, A. y Arribas, V. (comp) *Constructores de Otredad. Una introducción a la Antropología Social y Cultural*. Barcelona: Anagrama, pp. 22-26
- PEASE, F. (2009). *Los Incas*. Lima: Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú.
- RODRÍGUEZ, L.B. (2017). Efectos imprevistos de las desnaturalizaciones del valle Calchaquí. El “doble asentamiento” como estrategia de resistencia. *Chungara Revista de Antropología Chilena* 49:601612
- ROMANO, R. (1978) *Los Conquistadores*, Buenos Aires: Huemul.
- ROULET, F. (2006) «Fronteras de papel. El periplo semántico de una palabra en la documentación relativa a la Frontera Sur Rioplatense de los siglos XVIII y XIX». *Revista Tefros*, : <https://bit.ly/3g88QZc>.
- SEPÚLVEDA, J. G. (1996) *Tratado sobre las justas causas de la guerra contra los indios*. México, Fondo de Cultura Económica, 1996
- SVAMPA, M (2010). *El dilema argentino: ¿Civilización o Barbarie?* Buenos Aires> Taurus.
- TODOROV, T. (1987). *La conquista de América. La cuestión del otro*. México: Siglo XXI.

Cronología

- 1492 - Inicio de la conquista española en América
- 1500 - Inicio de la conquista portuguesa em América
- 1518 - Ataque indígena a la colonia de Porto Seguro (Brasil)
- 1519 y 1533- Rebelión de Bahoruco encabezada por el cacique Enriquillo en La Española (Mar Caribe)
- 1534 - Inicio de las Guerras Calchaquíes
 - Primera etapa 1534-1565
 - Segunda etapa 1630-1643
 - Tercera etapa 1656-1665
- 1536/1572 - Rebelión de Manco Inca en Perú, continuada por Sairi Túpac, Titu Cusi Yupanqui y Tupac Amaru
- 1540/1542 - Guerra del Miztón o Mixtón, (Chichimecas contra españoles)
- 1550/1590 - Guerra Chichimeca
- 1550/1656 - Guerra del Arauco
- 1554/1556- Levantamiento de Tupinambás y caetés em Brasil
- 1558- “Guerra del Paraguaçu” (Brasil)
- 1560- Movimiento milenarista Taqui Ongo (Perú)
- 1571 y 1575- Alzamientos de los taironas (Colombia)
- 1577- Insurrección de los indios quimbayas, Valle del Cauca, Colombia
- 1579- Rebelión de corte milenarista de tribus guaraníes encabezados por Oberá
- 1604- Sublevación de los acaxéés de la sierra de San Andrés abanderados por el "Obispo" (México)
- 1610-Ataque de indígenas comandados por el cacique Bagual a Buenos Aires (Argentina)
- 1616/1617- Levantamientos de los tepehuanes en Nueva Vizcaya (Nueva España-México)
- 1624- Alzamiento general de los guachichiles, Nueva León (México)
- 1632-Rebelión de los indios guazaparis en Sinaloa (Nueva España-México)
- 1643- Rebelión de las siete naciones en el norte de Nueva Vizcaya (Chihuahua), que aglutina a tobosos, cabezas, salineros, mamites, julimes, conchos y colorados
- 1646, 1650/1652 y 1684/1690- alzamientos tarahumaras (Nueva España)
- 1680- Sublevación de los indios pueblo liderados por el hechicero Popé, en torno a la ciudad de Santa Fe (Nuevo México)
- 1712- Levantamiento em la isla de Chiloé- sur de Chile
- 1727- Levantamiento de los chiriguano acaudillados por Aruma (Bolivia)
- 1730- Minuanes y charrúas atacaron chacras y estancias de vecinos de Montevideo (Uruguay)
- 1734 y 1737- Levantamiento de los indios de la Baja California (pericúes y coras) contra las misiones jesuitas, instigados por los jefes Botón y Chicori (Nueva España)
- 1740- Alzamiento de yaquis, pimas y mayos de Sonora

- 1750/1790- Rebelión de ranqueles en Mamil Mapu
- 1754/1756- Guerra Guaranítica, enfrentamiento de indígenas de la Misiones Jesuíticas contra españoles y portugueses a raíz del Tratado de Madrid
- 1758- Enfrentamientos con grupos apaches de Tejas (Nueva España)
- 1761- Movimiento milenarista encabezado por Jacinto Caneq en Yucatán
- 1780/1781- Rebelión de Tupac Amaru II (José Gabriel Condorcanqui), Virreinato del Perú
- 1780- Levantamiento de Oruro (Alto Perú/Bolivia)
- 1793/1799- Levantamiento de una coalición chiriguana (Bolivia)
- 1800- Minuanes charrúas y guenoas atacan estancias en las inmediaciones del arroyo Malo (Uruguay)
- 1849- Levantamiento de los chiriguanos (Bolivia)
- 1870 y 1880- Rebelión de los yaquis en Sonora (México)
- 1870- Gran coalición comandada por Calfucurá ataca la frontera pampeana (Argentina)
- 1875- Malón Grande, ataque a distintos pagos de la campaña bonaerense (Buenos Aires-Argentina)
- 1874- Levantamiento de los chiriguanos (Bolivia)
- 1892- Sublevación chiriguana (Bolivia)

Glosario

Apacheta: especie de monumentos realizado con piedras superpuestas con forma cónica como ofrenda a la Pachamama, una deidad vinculada con la tierra en los Andes.

Aukan: palabra mapuche que significa rebelarse.

Cacicazgo: territorio dependiente de un líder o cacique.

Ceques: líneas que partían del Cuzco y organizaban los santuarios o wakas de los alrededores en un complejo sistema espacial religioso.

Cerro Rico: Montaña en los andes bolivianos, uno de los principales yacimientos de plata en la Villa Imperial de Potosí durante la colonia.

Exocanibalismo: práctica referida al consumo de personas que no pertenecían a la propia familia o grupo social, particularmente asociado con la toma de cautivos en guerra.

Mamas: primeros minerales que se extraían de las minas en la zona andina central. Eran veneradas por los indígenas.

Mamil Mapu: también llamado país del Monte debido a su vegetación. Era una región alejada del control del poder colonial situado al sur de la frontera meridional rioplatense donde consolidó el poderío de los ranqueles.

Malón: práctica estratégica desplegada por los indígenas (Chile, Argentina, Uruguay) consistente en un ataque sorpresivo y rápido, con la finalidad de obtener un botín y hacer daño al enemigo.

Nómadas: se dice de los pueblos que no tenían un lugar fijo de residencia, sino que se movían de manera planificada por un territorio, en función del aprovechamiento de los recursos.

Reches: pueblo del sur de Chile, de la Araucanía, más tarde llamados mapuches en el siglo XVIII.

Ulmen: líder entre los mapuches, influyente, que inspira respeto y posee atributos para el cargo.

Waka, huaca o waq'a: en la región andina, objeto, lugar o persona considerado sagrado.

Wingka o huinca: palabra de origen mapuche usada para designar a los blancos o conquistadores europeos.

Para continuar a profundar el tema

1. Livros e artigos

- AISENBERG, Beatriz; LERNER, D.; AZPARREN, M; CONDE, J. M.; FINOCCHIETTO, L.; LARRAMENDY, A.; LEWKOWICZ, M; MURUJOSA, A.; TORRES, M. (2020) «La resistencia indígena a la conquista española como tema de enseñanza Aportes desde una investigación didáctica.» Cuadernos del IICE, nº. 4
- HUERTO, H. (ed.) (2017). Nueva Colección Documental de la Independencia del Perú. La rebelión de Túpac Amaru II, vol. 1, Lima: Universidad Peruana de Ciencias Aplicadas.
- LEWKOWICZ, M. (2015). «La resistencia de los pueblos indígenas a la conquista española en los libros de texto para las escuelas primarias en Argentina». *Espacio, Tiempo y Educación*, 2 (1), pp. 121-139. DOI: <http://dx.doi.org/10.14516/ete.2015.002.001.007>
- PEREYRA, O; SANCHOLUZ, C.; REITANO, E; AGUIRRE, S. (comps.) (2021). *Conflictos y resistencias: la construcción de la imagen del "otro": selección de documentos fundamentales para la comprensión de la expansión atlántica*. Buenos Aires; City Bell : TeseoPress; Osvaldo Víctor Pereyra. pp. 163-185. (Vínculos atlánticos; 2).
- QUISPE-AGNOLI, R. (2007), «Prácticas indígenas de la resistencia: sujetos de la escritura y el saber en los Andes coloniales» en *Revista Iberoamericana*, vol. LXXIII, no 220, pp. 415-436.
- ROULET, F. (2018), «Violencia indígena en el Río de la Plata durante el período colonial temprano: un intento de explicación», *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [En línea], Debates, 16 febrero 2018, consultado el 7 de febrero de 2022. Disponible: <http://journals.openedition.org/nuevomundo/72018>.

2. Enlaces a vídeos de interés

- Recuerdos de guerra-nivaclé Canal Encuentro, canal educativo y cultural (Argentina). <https://www.youtube.com/watch?v=SLAv4UdvEec>
- Los Chichimecas de la Cuenca de México. Radio INAH. <https://www.youtube.com/watch?v=voXgUcRjgGs>
- Rebeliones indígenas em América. <https://www.youtube.com/watch?v=o8JvknH4TfA>
- Historia de los pueblos indígenas de Bolivia. <https://www.youtube.com/watch?v=9sQZh4dG5fM>
- La Guerra de Arauco. <https://www.youtube.com/watch?v=jrx5yxUC5XA>
- Resistencia Indígena-Diálogo Brasil. <https://www.youtube.com/watch?v=4KriRwHr7Zs>

3. Sitios y materiales em línea

Projeto Europeu RESISTANCE: <http://www.resistance.uevora.pt/> e no YouTube: <https://www.youtube.com/c/ProjectoRESISTANCE>

Impressões Rebeldes: <https://www.historia.uff.br/impressoesrebeldes/>

4. Sugestões de atividades

América: Iconografía de la resistencia de los pueblos indígenas u originarios: <https://www.servindi.org/actualidad/74503>

La resistencia indígena en imágenes: <https://www.servindi.org/12/10/2018/12-de-octubre-dia-de-la-resistencia-indigena>

12 de octubre: 524 años de resistencia indígena: <https://albaciudad.org/2016/10/12-de-octubre-524-anos-de-resistencia-indigena/>

Caricatura: ¡Viva la resistencia indígena ¡: <https://www.las2orillas.co/caricatura-viva-la-resistencia-indigena/>

Los brutales grabados que ayudaron a crear la Leyenda Negra: <https://historiasdelahistoria.com/2014/06/20/los-brutales-grabados-que-ayudaron-a-crear-la-leyenda-negra>

El vídeo como recurso didáctico

El uso del vídeo como recurso didáctico facilita la construcción de un conocimiento significativo dado que se aprovecha el potencial comunicativo de las imágenes, los sonidos y las palabras para transmitir una serie de experiencias que estimulen los sentidos y los distintos estilos de aprendizaje en los alumnos. Esto permite concebir una imagen más real de un concepto. Pero como toda tecnología, no es útil por sí misma, sino por las actividades de aprendizaje que se diseñen en torno a ese recurso. Cuando nos disponemos a utilizar un vídeo en clase, debemos crear el ambiente propicio y transmitir al alumnado que es una actividad más que no tiene nada que ver con relajarse como si estuviéramos en el cine. **Algunas recomendaciones para evitar esa desconexión mental**, serían:

- Antes de visualizar el vídeo es importante explicar al alumnado por qué vamos a verlo, contextualizarlo con la materia que se esté tratando en ese momento y justificarlo.
- Sería buena idea reflexionar y hacer una puesta en común sobre lo que los alumnos saben antes de ver el vídeo.
- No apagar la luz antes de visionar el vídeo, pues ese cambio en el ambiente hace que el cerebro se disperse y la atención disminuya. Si hay problemas de visibilidad, es conveniente solucionarlos previamente.
- Ofrecerles un listado de ítems o cuestiones sobre las que prestar atención especial. La elaboración de una rúbrica donde los alumnos tengan que marcar con una cruz entre varias opciones mientras ven el vídeo, puede ser un ejemplo de práctica que les obligue a permanecer atentos.
- Tras la emisión del vídeo, permitir unos minutos de reflexión individual para que redacten cuál es la idea principal y las secundarias de lo que han visto.
- Podríamos terminar con una nueva puesta en común, sobre lo que saben después de ver el vídeo.
- Tener diseñadas actividades para a continuación, aplicar lo aprendido en el vídeo.

<https://iddocente.com/el-video-un-recurso-didactico-aprender-por-todos-los-sentidos/>

Ficha de Observação

Depois de assistires, com atenção, à projeção do vídeo “**Resistencia Indígena en Iberoamérica. Siglos XVI-XIX**”, lê todas as questões desta Ficha de Observação, **mas não respondas ainda**. Pede ao teu professor (ou à tua professora) que faça uma nova projeção e só depois disso responderás às questões colocadas, no tempo que o professor/a determinar.

1. Qué estimaciones se han realizado sobre la caída demográfica indígena a consecuencia de la conquista europea en América, a partir del siglo XV?

1/3

¾ partes

1/4

2. ¿Por qué se produjo el descenso demográfico indígena? ¿Se debió a factores multicausales o monocausales? Justificar

3. ¿Cómo fueron recreados/representados los indígenas desde la perspectiva cristiana europea occidental?

4. ¿Cuál de las dimensiones del mundo indígena generó mayor intolerancia por parte de los europeos? ¿Por qué?

5. ¿En qué consistió el “desgano vital” indígena y cuáles fueron las consecuencias?

6. ¿Fue totalmente exitosa la evangelización en América? ¿Por qué?

7. Qué ámbitos sociales habrán sido más favorables para el despliegue de acciones de resistencia veladas?

8. Menciona tres características de las sociedades estatales americanas que facilitaron su conquista

9. Identifica tres características de las sociedades cazadoras recolectoras nómadas que fortalecieron su resistencia a la conquista

10. ¿Qué particularidad distingue a los “corsarios” de Mamil Mapu?

11. De todas as imagens deste vídeo, qual foi a que mais te impressionou? Porquê?

12. Este vídeo ajudou-me a conhecer novos aspetos da História. Justifica tu resposta.

Muito Pouco Nada

13. Tive dificuldades em compreender alguns momentos deste vídeo. Argumenta las razones.

Muitas Poucas Nenhumas

14. A manera se síntesis elabora un cuadro o una red conceptual sobre los tipos de resistencia indígena en América.

RESISTANCE

778076-H2020-MSCA-RISE-2017

AUTORES



UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

CIDEHUS

Centro Interdisciplinar
de História, Culturas e Sociedades
da Universidade de Évora
(UIDB/00057/2020)



UNIVERSIDAD
NACIONAL
DE LA PLATA

UNIVERSIDADES QUE INTEGRAM O PROJETO RESISTANCE



UEVORA (PORTUGAL)



NOVA FCSH (PORTUGAL)



ICS-ULISBOA (PORTUGAL)



ISCTE-IUL (PORTUGAL)



UFBA (BRASIL)



MPILHLT (GERMANY)



USC (SPAIN)



UNLP (ARGENTINA)



UNI-CV (CAPE VERDE)



PUC (CHILE)



PONTIFICIA
UNIVERSIDAD
CATÓLICA
DE CHILE



COLMICH (MEXICO)



UC (SPAIN)



BROWN
UNIVERSITY

BROWN UNIVERSITY (USA)

www.resistance.uevora.pt